

MARCELO CAMELO

TEMPO E ESPAÇO



Zuleika de Souza

Tinha perdido a memória recente. Não se lembrava como nem quando. Andava pelo pequeno conjugado redescobrimdo seus impulsos e desejos a cada passo. Era da natureza dos aparentemente tranqüilos. Os olhos grandes e serenos apontavam sempre além do objeto observado. Tinha braços longos e de poucos, mas certos gestos. Quem o via pela primeira vez tinha a impressão de que se movia o mínimo possível e com uma objetividade fora do comum. De fato, sua condição impunha poucos obstáculos entre suas vontades e as realizações. Por não medir dois atos adiante, nem temer os erros passados (de que não se lembrava), agia em absoluto acordo com seu temperamento. E nada lhe cruzava o caminho. Da sua natureza também — e desde muito novo — era a mania de organização. Entreteinha-se mais quando pequeno em dividir os brinquedos em cores e formas que em brincar de fato. Sua capacidade de abstração fora soterrada já nessa época, por um olhar clínico diante de qualquer forma de repetição.

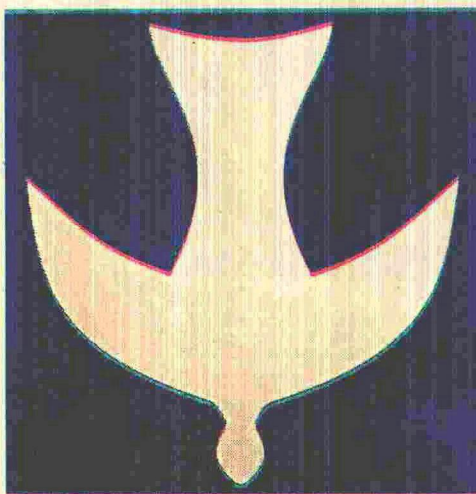
Mas seu passado pouco importa nessa história. Sobretudo pra ele mesmo, que não se recordava de nada ocorrido há mais de dois minutos. Não acumulava nenhum sentimento. Nem o da solidão que vivia, nem o da clausura (não saía de casa havia muito tempo), nem o de fome, nem o de sono. Não usava relógio que não o seu próprio organismo. Sua falta de preocupações mundanas, aliás, o eximia das marcas do tempo e, por isso, aparentava ser uns vinte anos mais moço do que diziam seus documentos. Só um sentimento cortava toda a sua vida, persistindo constante e submerso naquele lugar que é intocável e não se mostra: o cerne condutor da nossa existência. Um sentimento que ele redescobria a cada dois minutos e lançava seu peito num calvário renovado, como o peixe que a cada pancada no vidro percebe que está num aquário. Não sabia, mas essa insatisfação sem nome o acompanhava desde os dias mais remotos e sua organização cartesiana nada mais era que a tentativa de rearranjar suas unidades e esconder provisoriamente aquele buraco.

Já na sua nova condição, sem tempo para remexer o quebra-cabeça insolúvel, era vítima das suas circunstâncias interiores e levava a cabo uma ordem à prova de falhas. As centenas de livros que nunca lera cobriam uma parede inteira daquele apartamento, ocupando hermeticamente quadros perfeitos e idênticos, dividindo idéias a partir de suas iniciais. Talheres na gaveta, produtos de limpeza, canetas, almofadas, roupas no armário... Todos

os pertences eram dispostos em ângulos exatos e paralelos inquestionáveis. Contava os tacos do piso da sala todos os dias. Eram quatrocentos e vinte e dois. Tinha de ir rápido pra não perder a conta, e depois anotava o número num papel que sempre esquecia no mesmo canto. Já acumulara centenas deles, naquele mesmo fundo de prateleira. Tinha medo do que não era direito e experimentava a vida na tarefa de transformar o redor num mosaico perfeito. De quando em quando, derrubava tudo no chão, num ápice de incompreensão de si mesmo, e voltava a organizar de novo, na única tarefa que o ocupava continuamente.

Mas nem o mais caxias dos seres, nem a mais funcional das vidas, está a salvo do acaso, a força da imprecisão e da imprevisibilidade, que lança a gente para fora de todas as rodas da fortuna que construímos por conta própria. E nesse dia o acaso veio com data marcada e por debaixo da porta, através de um telegrama anônimo que o felicitava pelos seus quarenta e quatro anos. Era a primeira carta que recebia depois do acidente e pela primeira vez, por dois minutos, teve sombra da consciência de si. Correu para o espelho e passou o resto do dia contemplando um rosto magro e sincero. Quando o olhar embaçava sua própria imagem, o coração palpitava e ele recobrava seus contornos com a ponta dos dedos. Depois de um dia repetindo ansiosamente a busca, caiu exausto no vaso do banheiro e adormeceu com a cabeça doída, repousada sobre azulejos verdes. Enquanto sonhava em dois minutos vidas inteiras de sabe-se lá quem, por debaixo da mesma porta por onde o telegrama fora enfiado, marchou com tenacidade e casa adentro um exército sem precedentes de formigas graúdas. Vinham numa formação tal que nosso protagonista se orgulharia de receber tais visitantes. Marchavam em velocidade de cruzeiro, em cinco filas indianas eqüidistantes, e vinham todas as da espécie, tamanha era a quantidade. Dobraram à direita, logo depois da porta e seguiram inabaláveis em linha reta até o banheiro.

Em menos de cinco minutos, cobriram o adormecido de negro. Como sob uma única ordem, unidas, as milhares de formigas criaram asas finas, num só estalo e, esforçadamente, ergueram o corpo ainda adormecido banheiro afora. Ganharam o céu através da janela escancarada. De sobressalto, ele acordou, ainda a tempo de ver seu apartamento ficando para trás. E subiu. E subiu. E quando já podia contemplar a cidade inteira sem mexer os olhos, parou. Por dois minutos, esteve diante do mundo, como ele se apresenta. E chorou ao descobrir que sua busca terminava na vontade do capim que se ergue por entre os blocos de concreto. Envelheceu todos os anos que devia e despencou, já morto, de braços abertos no Plano Piloto.



Marcelo
Camelo